

Polémica envolve acordos secretos com EUA

# Novos países do Espaço Schengen «traíram» União Europeia

*Em causa estão os Estados-membros que aderiram à «Europa sem Fronteiras» este mês. Quebraram a solidariedade interna e assinaram acordos bilaterais com a administração Bush. Resultado? As autoridades policiais americanas podem, por exemplo, ter acesso a dados pessoais de qualquer português, ou europeu, sem autorização dos Governos de cada país*

ISABEL GUERREIRO

No início deste mês, o Espaço Schengen ganhou uma nova dimensão. Quatrocentos milhões de pessoas podem agora viajar sem passaporte por 24 países. Isto porque, em nove estados da Europa Central, que entraram na União Europeia (UE), em 2004, foram abolidos os controlos fronteiriços nos aeroportos. São eles: Estónia, República Checa, Lituânia, Hungria, Letónia, Malta, Polónia, Eslováquia e Eslovénia.

Mas nem tudo está a decorrer dentro da normalidade. A polémica estalou mesmo antes dos vários Estados estarem plenamente integrados no Espaço Schengen de livre circulação de cidadãos. Seis dos novos membros

estão a ser acusados de quebraram a solidariedade interna europeia ao estabelecerem acordos bilaterais de vistos com o Washington, em troca da promessa de uma futura entrada facilitada nos Estados Unidos. A República Checa, Estónia, Letónia, Lituânia, Hungria e Eslováquia negociaram com o Governo de **Bush**, à revelia da UE, condições de acesso ao novo regime de vistos electrónicos de entrada no território americano, que passará a vigorar a partir do próximo ano.

## «Quebra de confiança mútua»

O eurodeputado social-democrata **Carlos Coelho**, que foi o relator do Parlamento Europeu para



O eurodeputado **Carlos Coelho** diz que a estratégia da administração **Bush** é «dividir para reinar»

o alargamento do Espaço Schengen já solicitou o congelamento dos acordos e fala mesmo em «traição».

Diz que compreende bem a estratégia da administração **Bush** — «dividir para reinar» — mas o que lhe custa a entender é que haja Estados europeus a serem cúmplices dessa estratégia. «Dois meses após entrarem em Schengen há Estados que não confiam na Comissão Europeia para negociar



a sua entrada no “Visa Waiver Program” americano (podem entrar nos EUA sem visto) e o normal seria que tivessem mais solidariedade com a UE, confiassem na Comissão e aceitassem a negociação comum que está em curso sobre diversos aspectos ligados ao fluxo de passageiros entre a Europa e a América do Norte», lamenta.

Mas que condições foram aceites por parte destes países? O que está em causa e que riscos ou suspeitas podem ser colocados com esta posição? A resposta não é clara. E para **Carlos Coelho** esta é uma das maiores preocupações. «É que ninguém sabe

exactamente o que foi estabelecido, já os documentos negociais não foram ainda facultados pelos Estados envolvidos».

«Uma primeira versão (que se conhece) era particularmente preocupante na medida em que violava gravemente a legislação comunitária e a confiança mútua», acrescenta o eurodeputado ao explicar que pretendia-se, por exemplo, que através dos nossos países, autoridades policiais americanas tivessem acesso a dados pessoais de cidadãos europeus. «Sem que qualquer português o autorize ou que o Governo português o saiba, dados de concidadãos nossos poderiam ser fornecidos pela República Checa, por exemplo, através de Bases de Dados europeias», explica ao referir que apelou, desde logo, à Comissão Europeia para «ser firme» na defesa do interesse comum e para não hesitar em desencadear medidas sancionatórias e jurisdicionais, se for o caso.

A indignação de vários eurodeputados deve-se ainda a outras condições, como a aceitação da presença de agentes de segurança armados («air marshals») a bordo dos voos transatlânticos ou a adaptação dos aeroportos e dos passaportes dos países em causa às normas americanas.

Recorde-se que em Dezembro último, estes novos países já tinham suprimido o controlo terrestre e marítimo, que ainda se mantinha nos aeroportos. Actualmente, todos os países da UE integram o espaço Schengen, excepto a Irlanda e o Reino Unido que se recusaram a participar, e Chipre, Bulgária e Roménia que ainda não concluíram os preparativos para levantar o controlo. Outros Estados como a Noruega e a Islândia fazem também parte da «Europa Sem Fronteiras» e prevê-se ainda que a Suíça a incorpore ainda no presente ano.

## João Pedro Simões Dias, especialista em Direito Comunitário

### «Só os EUA ganharão»

**O DIABO** — Seis países que aderiram recentemente ao espaço Schengen assinaram, à revelia da UE, acordos bilaterais com os EUA, no âmbito da política de vistos. Como comenta?

**SIMÕES DIAS** — Interpreto esta posição relacionando-a com o passado recente destes Estados — por «coincidência» todos eles integrantes da União Europeia por altura do último mega-alargamento da UE, por «coincidência» todos ex-Estados satélites da URSS e, por «coincidência» também todos eles Estados que, antes de pedirem para ingressar na UE sentiram necessidade de se albergar sob a protecção dos EUA, tendo feito questão de aderirem à NATO antes de aderirem à própria organização europeia. Criaram, assim, um sentimento, de protecção e de confiança face aos EUA que agora veio ao de cima e se manifestou mais uma vez.

**E uma quebra de solidariedade com a UE?**

Apesar de ser complicado e simplista colocar as questões de uma maneira tão elementar, direi que entre a solidariedade transatlântica e a solidariedade intra-continental, aquela prevaleceu sobre esta.

Creio que é a forma mais correcta de colocar a questão, não se falando em traições, que talvez a tanto não tenha havido lugar. Apenas falando-se em hierarquia de interesses e de prioridades já conseguimos ter a resposta que procuramos. E remetendo para as lições da história, mormente para a história recente da saída do mundo bipolar da guerra-fria as justificações para uma tal hierarquia de prioridades.

**O que poderá ser posto em causa com estes acordos sobre as condições de acesso ao novo regime de visto electrónicos de entrada em território norte-americano?**

A negociação de acordos parcelares e bilaterais dos EUA com Estados membros da UE cria sempre um precedente difícil tanto de explicar como, sobretudo, de remediar ou de torrear. A partir do momento em que se acordam condições mais vantajosas para os EUA que conseguem impor as suas regras a 6 dos 27 Estados europeus, será praticamente impossível a UE conseguir obter uma posição conjunta que abranja todos os seus Estados-membros. E o mais grave e paradoxal de todo este processo, ressalvo, é que estes 6 Estados europeus

cederam praticamente na íntegra em benefício das exigências norte-americanas a troco de .... nada!

**Não ganham nada?**

A troco, no limite, de uma vaga e ténue promessa de, futuramente, os seus nacionais poderem vir a entrar nos EUA sem visto prévio. Mas no quadro de uma simples declaração de intenções, não datada, não concretizada, não calendarizada. Claro que, do ponto de vista dos EUA os acordos alcançados constituem uma verdadeira lança, não em África mas na... Europa!

**E contribuem para a fragilização da UE?**

Debilitam a UE, dividem-na internamente, ameaçam com rupturas e quebras de solidariedades. Como é óbvio é mais vantajoso para os EUA defrontarem-se negocialmente com 27 Estados de pequena e média dimensão e a um nível bilateral do que com uma UE com uma política integrada, coerente e uniformizada.

**Qual o maior perigo que pode ser colocado?**

Confesso uma preocupação suplementar que este caso me suscita: receio que possamos estar perante uma nova



estratégia negocial dos EUA face à Europa sempre que haja que falar de dossiers sensíveis — «ameaçar» a coesão da UE tentando dividi-la internamente. Este é o meu maior receio — que vai muito para além deste simples caso concreto. E para fazer face a esta eventualidade, não diviso outra solução que não, apenas, mais Europa, mais coesão, maior integração. De outra forma, defrontando-se com 27 Estados individuais, só os EUA ganharão, reforçando a sua posição de hiperpotência sobrando de um mundo bipolar entretanto desaparecido e cada vez mais reduzido à indesejável condição de mundo uni-multipolar...